

TRANSGÊNEROS: ENTRE O “NÃO LUGAR” NA SOCIEDADE E NO SISTEMA DE SAÚDE

Congresso Online Brasileiro de Medicina, 1^a edição, de 06/12/2021 a 08/12/2021
ISBN dos Anais: 978-65-86861-87-7.

FAGUNDES; CAMILA SALES¹, SANTOS; GIULIA VELOSO MATIAS², PAULA; MARCOS ANTÔNIO MUNIZ DE³, PEREIRA; ALANA CANHA⁴, BRAGATO; SIMONE GALLI ROCHA⁵

RESUMO

Introdução: Segundo o antropólogo Marc Augé, o “não lugar” pode ser definido como um “lugar” de ausência de identidade, no qual o sujeito não tem autonomia para ser quem realmente é. Aplicando tal perspectiva às pessoas transgêneras, o “não lugar” torna-se nítido ao analisar a expectativa de vida da população trans que, no Brasil, é de apenas 35 anos. Tal fato deve-se à invisibilidade e à violência às quais essas pessoas são submetidas, o que, por sua vez, reflete-se também na esfera da saúde. **Objetivo:** Compreender como a transfobia se manifesta na prática clínica. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão bibliográfica com base nas publicações científicas indexadas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), publicados entre 2016 a 2021. Utilizou-se como Descritores em Ciência e Saúde (DeCs) os seguintes vocábulos: Discriminação; Preconceito e Transgênero. Após essa etapa, selecionou-se “Preconceito” como tema principal, totalizando 27 resultados. Após a leitura dos artigos, aplicou-se a estratégia Pessoa, Fenômeno de Interesse, Contexto (PICo), a fim de definir o questionário norteador. Dessa forma, deu-se continuidade à produção textual. **Resultado:** Comprovou-se que as pessoas trans que não são identificadas pelos profissionais de saúde como tal, ou seja, que passam “despercebidas”, sofrem menos violência em relação aquelas que têm a condição de transgênero reconhecida pela equipe de saúde. Nesse ínterim, faz-se verídico afirmar que o preconceito existente nas relações cotidianas destinadas a população transsexual também está presente nos centros médicos. Dentre as discriminações mais relatadas por tal público, de acordo com 23 estudos analisados, estão presentes a não utilização do nome social e o uso dos pronomes do sexo de nascimento, o que gera, por conseguinte, grande desconforto nos pacientes. Ademais, outro entrave relatado foi a associação imediata dos transexuais às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Dessa forma, 14 médicos, segundo as publicações selecionadas, requisitaram o teste de sorologia aos pacientes transsexuais, mesmo quando as queixas dos pacientes não eram correlatas a sintomatologia típica das ISTs. Ademais, muitos dos estudos avaliados apontaram que a incidência de transtornos mentais é maior na público transsexual do que nos cis-gêneros. Contudo, tais publicações ressaltaram que tal predominância não é oriunda do fato do indivíduo reconhecer-se como trans, e sim do fardo contínuo de lidar com o julgamento imposto pelo imperativo da hetero-cis-normatividade. **Conclusão:** Constatou-se que o preconceito na área da saúde para com as pessoas que não se identificam com o gênero de nascimento se faz presente na realidade atual. Isso é evidenciado pelo tratamento diferente conferido a esses indivíduos quando a condição de transgênero é, ou não, reconhecida. Nesse viés, muitos profissionais, cuja função era de promover o cuidado integral à saúde, contribuem para o adoecer psíquico dos transgêneros, por não respeitarem o gênero e os pronomes reivindicados por eles. Assim, o “não lugar”, infelizmente, torna-se o destino vigente para o qual a sociedade compele as pessoas trans.

PALAVRAS-CHAVE: Discriminação, Preconceito, Transgênero

¹ UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT), camila.fafa3@gmail.com

² UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT), giulia.veloso@unemat.br

³ UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT), marco201500@gmail.com

⁴ UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT), alana.canhap@gmail.com

⁵ UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT), simone-galli@hotmail.com